

# O Fórum da Liberdade e a ascensão da extrema direita no Brasil contemporâneo

*Flávio Henrique Calheiros Casimiro*

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Professor de História Econômica e Economia Política do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais.

## Resumo

O ano de 2019 marca a ascensão da extrema direita ao poder no Brasil. Diante de tal conjuntura, a proposta deste estudo é buscar analisar alguns dos elementos que contribuíram para a construção dessa realidade. Nesse sentido, propomos uma discussão em torno da atuação do chamado “Fórum da Liberdade”. Iniciado em 1988, o fórum é realizado anualmente, em Porto Alegre, e pode ser caracterizado como o principal evento das direitas e do pensamento conservador no Brasil. Além disso, constitui palco emblemático para o lançamento e articulação com diferentes aparelhos de atuação política e ideológica dos segmentos liberal-conservadores. O objetivo é buscar compreender as estratégias de produção do consenso a partir da estruturação de uma espécie de rede direta e indireta de aparatos de doutrinação e difusão de uma cultura voltada às características mais agressivas do ultraliberalismo e ao pensamento mais reacionário. Por conseguinte, estabelecer as conexões entre essas iniciativas de segmentos conservadores brasileiros e a construção da alternativa de extrema direita que estrutura a candidatura e o próprio governo Bolsonaro.

Palavras-chave: Extrema direita; Fórum da Liberdade; produção de consenso.

## Abstract

The year 2019 marks the rise of the far-right to power in Brazil. Given this conjuncture, the purpose of this study is to analyze some of the elements that contributed to the construction of this reality. In this sense, we propose a discussion around the performance of the so-called “Freedom Forum”. Started in 1988, the forum is held annually in Porto Alegre, and can be characterized as the main event of right-wing and conservative thinking in Brazil. Moreover, it constitutes an emblematic stage for the launching and articulation with different political and ideological apparatuses of the liberal-conservative segments. The aim is to understand the strategies of consensus production through the structuring of a kind of direct and indirect network of apparatus of indoctrination and diffusion of a culture focused on the most aggressive characteristics of ultraliberalism and the most reactionary thinking. Therefore, to establish the connections between these initiatives of Brazilian conservative segments and the construction of the far-right alternative that structure the candidacy and the Bolsonaro government itself.

Keywords: Far-right; Freedom Forum; consensus production.

## Aspectos conjunturais e introdutórios

O ano de 2019 marca a ascensão de segmentos da extrema direita ao poder no Brasil. Setores progressistas e defensores de direitos humanos acompanham com perplexidade o início do governo do militar reformado Jair Messias Bolsonaro, uma figura extremamente contraditória, polêmica e truculenta, que alia certo carisma alicerçado nos setores mais reacionários da sociedade brasileira com a forte rejeição dos setores progressistas e defensores da democracia. Como compreender a vitória de um discurso marcadamente caracterizado pelo ódio e autoritarismo? Quais fatores poderiam explicar a ascensão do pensamento mais reacionário, antiprogressista, antiliberal e anticientífico no Brasil do século XXI?

Diante de tais apontamentos iniciais, a proposta deste estudo parte das inquietações do presente, para buscar alguns elementos que possam ajudar a compreender tal processo histórico de construção de um projeto de hegemonia dos segmentos da extrema direita, que estruturam a candidatura e o próprio governo Bolsonaro. Esse movimento precisa ser compreendido a partir de sua complexidade de condicionantes internos, no plano da dominação de classe e produção de consenso, assim como externos, no âmbito das determinações da economia mun-

do. Não é nossa pretensão, portanto, trazer, nesse breve texto, respostas conclusivas e definitivas que possam dar conta do processo de reinvenção das direitas no Brasil, mas, tão somente, levantar e analisar algumas características que constituem essa conjuntura histórica, buscando suas conexões, principalmente, no que concerne ao processo de produção do consenso.

Tal exercício traz certas complicações de ordem metodológicas, uma vez que se trata de uma história viva, onde novos elementos, provas, investigações surgem a cada dia, em um vertiginoso processo contraditório de transformações que muito diz sobre a própria inexistência de um verdadeiro projeto de Estado, com uma liderança esdrúxula e um partido político que mais parece uma agremiação de candidatos sem qualquer diretriz teórico-política.

Por conseguinte, é um grande desafio desenvolver o conhecimento quando ele é, ao mesmo tempo, o exercício paciente e rigoroso da pesquisa histórica e forma de luta. Compreender as relações do presente constitui, portanto, um campo de luta, uma vez que não é possível dissociar o pesquisador das relações as quais este está inserido. O exercício aqui proposto, por sua vez, é o de buscar compreender as estratégias de produção do consenso em torno de uma concepção de

mundo que articula as características mais agressivas do ultraliberalismo no campo das relações econômicas e na visão glorificadora do mercado, com o pensamento mais reacionário no âmbito dos valores morais, tudo isso alicerçado em um discurso “nacionalista” (mesmo com toda subserviência aos EUA) e “patriótico” de cepa chauvinista. E para buscar a origem desses discursos e seu processo de difusão na sociedade brasileira, é que propomos uma discussão em torno do principal evento das direitas e do pensamento conservador no Brasil e suas articulações fundamentais, a saber: o chamado “Fórum da Liberdade”.

### **O Fórum da Liberdade: palco para a projeção de aparelhos de doutrinação liberal-conservadora e ativismo político libertário no Brasil**

Para iniciar uma discussão sobre essa ascensão do conservadorismo no Brasil, nos últimos anos, é preciso ter em vista o caráter histórico desse processo. A construção e atualização da hegemonia dos segmentos da direita brasileira deve ser observada, pelo menos, a partir das últimas três décadas. Desde o processo de redemocratização do Brasil, no final dos anos de 1980, segmentos conservadores e reacionários da burguesia brasileira, insatisfeitos com os rumos da chamada “Nova República”, com as novas diretrizes estabelecidas nas disputas da constituinte, passam a se organizar também no

campo da sociedade civil, cada vez mais ocidentalizada.

Nessa conjuntura de redefinição da estratégia de atuação de amplos setores da burguesia brasileira é que temos a constituição de inúmeros aparelhos de atuação política e ideológica dos diferentes segmentos da direita brasileira, complexificando as formas de relação com o poder de Estado, bem como, atuando sistematicamente para a produção de consenso em torno de pautas neoliberais na economia e ultraconservadoras no âmbito dos costumes.

Tais aparelhos de ação política e ideológica, desenvolveram formas sofisticadas de articulação e atuação conjunta, criando um bloco importante e consistente de estratégias variadas de difusão e ampliação de seus quadros de seguidores. Esse processo se intensifica com os governos do PT e, a partir de 2014, tais aparelhos assumem uma estratégia política incisiva e um discurso deliberadamente reacionário. Essa capilaridade articulada demonstra-se como um elemento fundamental para a naturalização de determinados discursos e a produção de espécies de “verdades socialmente aceitas”, em virtude da replicação desses conteúdos em diferentes meios. Essa articulação possibilitou tanto a atuação dessas organizações em projetos em comum; o compartilhamento

entre elas de membros associados, que aqui chamamos de intelectuais orgânicos; a produção em massa de conteúdos compartilhados e replicados nos mais diferentes aparelhos, desdobrando-se na mídia de forma geral, em blogs e, mais recentemente, redes sociais e aplicativos móveis. Trata-se de uma forma extremamente complexa, difusa e eficiente de produção de consenso.

Diante de todas as conexões diretas e indiretas estabelecidas entre os mais diversificados (tanto na quantidade como no *modus operandi*) aparatos de atuação política e ideológica, com o perfil mais doutrinário, que emergem no supracitado contexto de rearticulação das frações burguesas brasileiras, destaca-se um elemento fundamental que interliga diretamente essas organizações de ativismo político, a saber: o chamado *Fórum da Liberdade*. O Fórum representa um dos principais e mais divulgados eventos de difusão de valores conservadores e da concepção de mundo neoliberal e libertária realizado no Brasil. Pode ser considerado como um verdadeiro reduto das direitas e do conservadorismo não só no país, mas também, internacionalmente, com certa influência nos nossos países vizinhos e considerado pela Revista Forbes “o maior evento de debates da América Latina” (FÓRUM DA LIBERDADE, 20 mai. 2019).

O evento tem como instituição organizadora o Instituto de Estudos Empresariais (IEE). Aparelho de proposta doutrinária, fundado em 1984, no Rio Grande do Sul, com fortes conexões com outra organização de atuação doutrinária, o chamado Instituto Liberal (IL), precursora desse modelo de atuação no Brasil, fundado em 1983. O IEE destaca-se pelo discurso ultraliberal, de influência da Escola Austríaca de Economia e a Escola Monetarista de Chicago, assim como, pelo conservadorismo ou mesmo reacionarismo no que se refere às pautas de caráter moral. A partir dessa sintonia ideológica e programática, o IEE com o apoio do IL lançaram o Fórum da Liberdade, em 1988. Essa coparticipação direta ou indireta do IL nos fóruns manteve-se constante, principalmente com a transformação do Instituto Liberal do Rio Grande do Sul em Instituto Liberdade, anos mais tarde.

Por sua vez, o Instituto de Estudos Empresariais se insere no quadro dos aparatos de ação política e ideológica da direita brasileira, partilhando dos mesmos pressupostos do Instituto Liberal do Rio Grande do Sul, sendo que grande parte de seus quadros figuram nas duas organizações. O IEE, entretanto, apresenta uma estrutura organizacional com mecanismos de atuação e formas de filiação institucional bastante diferentes de seu congêneres. Primeiramente, o IEE funciona como

uma organização fechada, de acesso restrito, com critérios bastante rigorosos que objetivavam a formação de quadros de intelectuais orgânicos mais homogêneos. A entidade empresarial de caráter eminentemente classista organiza-se no sentido de formar/educar seus quadros de intelectuais orgânicos, como um “clube” fechado dos “escolhidos”. Dentre as várias estratégias desenvolvidas pelo IEE, sem sombra de dúvidas, sua grande marca é o Fórum da Liberdade, realizado anualmente na cidade de Porto Alegre-RS.

Sendo reconhecido como o principal evento da agenda das direitas no Brasil, o Fórum foi palco para o lançamento público de alguns dos principais aparelhos da nova direita brasileira. Entre essas organizações de reconhecida atuação doutrinária liberal-conservadora, destacamos quatro entidades fundamentais para a ascensão da direita mais reacionária no Brasil contemporâneo, são elas: o Instituto Millenium (IMIL); o Instituto Mises Brasil (IMB); a vertente brasileira do Students for Liberty, o Estudantes pela Liberdade (EPL), que se desdobrou em EPL e Movimento Brasil Livre (MBL); e, por fim, o chamado canal Brasil Paralelo.

Lançado no Fórum da Liberdade em abril de 2006, cujo tema do evento foi, *O poder no Brasil: quais os direitos e deveres dos governos?*, o Instituto Millenium tornou-se

um dos mais importantes aparelhos de ação política e ideológica de diferentes segmentos das direitas brasileiras. Uma organização que dispõe de uma impressionante capilaridade, principalmente, em virtude do seu grande número de articulistas, especialistas e convidados que, juntos, somam mais de 240 intelectuais orgânicos, somente na relação de 2019. Esses intelectuais produzem conteúdos difundidos pela instituição, que são replicados e reproduzidos em uma gama variada de espaços midiáticos, blogs e redes sociais. Por conseguinte, o IMIL caracteriza-se como um importante produtor de conteúdos para diferentes canais da direita brasileira.

Os intelectuais ligados ao IMIL, sejam dirigentes, articulistas e/ou convidados também atuam e reproduzem os valores e diretrizes defendidas pela instituição por diversos outros espaços de produção de consenso como organizações classistas e universidades. Entre estas podemos destacar: a Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universi-

dade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Pontifícia Universidade Católica (PUC), entre outras (CASIMIRO, 2018).

Seus dirigentes e articulistas também estão ligados, de alguma forma, seja como colunista, articulista, redator ou como dirigente, a outros veículos de comunicação da grande mídia brasileira. Dentre os espaços midiáticos ocupados por integrantes do Millenium estão as revistas *Veja*, *Isto É*, *Época*, *Exame*, *Revista Brasileira de Economia*, *Realidade*, *Forbes Brasil*, *Voto*. Dos jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *Valor Econômico*, *Diário de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta Mercantil*, *O Dia*, *Jornal da Tarde*, *A Tribuna*, *Zero Hora*, *Hoje em Dia*, *Última Hora*, *Brasil Econômico*, *Digesto Econômico*, *Jornal Imprensa*, *Jornal da Cultura*, *Jornal do Comércio*, *Jornal da Orla*, *Jornal Brazilian Administration Review*. Assim como, em canais de televisão como nas redes Globo, Record e Bandeirantes, para citar apenas a TV aberta (CASIMIRO, 2018).

Para entender o papel desempenhado por uma instituição como o IMIL, no processo de construção do consenso, é necessário ter em mente a multiplicação das suas ações e a capilaridade alcançada por seus valores, a

partir da trajetória e atuação de seus intelectuais orgânicos em outras esferas, uma vez que, o nome do Millenium muitas vezes sequer aparece nesse processo. A capacidade de difusão de seus pressupostos e sua concepção de mundo, a partir de aparelhos ideológicos como a mídia, os espaços acadêmicos e as entidades de representação setorial ou de classe, amplia a dimensão de sua atuação, para muito além das ações meramente institucionais promovidas pelo IMIL. É justamente nessa sua capacidade de composição de quadros, atuantes e, no essencial, alinhados aos seus princípios, que reside a sua principal força enquanto intelectual coletivo importante para a renovação da atuação das direitas no Brasil.

A segunda organização lançada pelo Fórum da Liberdade, importante para compreendermos a ascensão do pensamento mais reacionário na atualidade é o Instituto Von Mises Brasil (IMB). O aparelho foi apresentado publicamente aos círculos liberais brasileiros no XXIII Fórum da Liberdade, realizado em abril de 2010, cuja temática foi *Seis temas para entender o mundo*. A entidade de ativismo político do chamado libertarismo, com influência austríaca de Murray Rothbard, teve como fundador o empresário do grupo Ultra Hélio Beltrão Filho, que também está entre os fundadores do Instituto Millenium e é filho de Hélio Beltrão, ex-min-



istro da ditadura civil-militar (das pastas de Planejamento, de 1967 a 1969, da Desburocratização, de 1973 a 1983). Como apresentado pelo *The Intercept Brasil*, Beltrão Filho está próximo do olavismo. “Tem orgulho em dizer que foi, junto de Olavo de Carvalho, um dos primeiros a confrontar o ‘marxismo cultural’ no Brasil” e, mais adiante, a mesma matéria apresenta a afirmação de que Beltrão comemorou a vitória de Bolsonaro, a quem considera um “político genial” (THE INTERCEPT BRASIL, 5 mai. 2019).

Fato é que os intelectuais “libertários” e “anarcocapitalistas” do Instituto Mises Brasil agora ocupam a estrutura institucional do Estado, no governo Bolsonaro. Como exemplo temos o advogado e Chefe de Operações do IMB, Geanluca Lorenzon, que se define como um anarcocapitalista e atualmente ocupa a Diretoria de Desburocratização do Ministério da Economia e foi o redator responsável pela medida provisória 881, conhecida como MP da Liberdade Econômica, que busca “diminuir a burocracia e dar mais espaço à livre iniciativa” (GAZETA DO POVO, 27 ago. 2019). Ou seja, uma ocupação de um setor-chave na institucionalidade do Estado, por um ator político, cuja diretriz ideológica, a partir de sua atuação ativista pelo IMB, prega o total esfacelamento do Estado.

Outro ultraliberal que compõe o programa

privatizador do governo Bolsonaro, indicado pelo próprio ministro Paulo Guedes, é o empresário, presidente da Localiza, José Salim Mattar. O empresário, que também fez parte do corpo dirigente do Instituto Liberal e do corpo de mantenedores do Instituto Milenium, agora ocupa a Secretaria Especial de Desestatização e Desinvestimento do Ministério da Economia. Ou seja, o projeto de reconfiguração da estrutura estatal, a partir do projeto, em tramitação em 2019, para a suposta ampliação da viabilidade da atividade econômica do país, está sendo conduzido por elementos que, em suas vinculações ideológicas, defendem uma perspectiva mais radical entre as concepções ultraliberais.

Além da presença direta na ossatura material do Estado, o Mises Brasil tem se constituído como um dos principais veículos de formação utilizados por representantes da sociedade política, dessa nova direita. Como apresentado na reportagem da *Gazeta do Povo*, em junho de 2019, os deputados federais Tiago Mitraud (Novo-MG), Filipe Barros (PSL-PR), Carlos Jordi (PSL-RJ) e Paula Belmonte (Cidadania-DF) estão atualmente cursando pós-graduação em Escola Austríaca organizada pelo IMB. Nessa relação ainda constam os nomes dos deputados estaduais Rodrigo Valadares (PTB-SE) e Giuseppe Riesgo (Novo-RS). Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) também foi aluno do mesmo programa

em turma anterior (GAZETA DO POVO, 28 ago. 2019).

No que se refere ao ativismo político libertário, uma das organizações que mais se caracterizam pela sua incisiva atuação é o chamado Estudantes pela Liberdade. O EPL foi o terceiro aparelho de atuação política e ideológica da nova direita, que destacamos por seu lançamento público na arena do Fórum da Liberdade. A organização foi apresentada aos segmentos da direita brasileira em 2012, em evento cujo tema foi *2037: que Brasil será o seu?*. Sua principal forma de ação concentra-se no recrutamento de jovens universitários para a composição de novos quadros de intelectuais orgânicos da direita libertária. Partem da suposta guerra contra o “marxismo cultural” e da premissa de que em todas as universidades brasileiras partidos políticos de esquerda controlam os organismos estudantis e a difusão do pensamento, monopolizando o pensamento de viés “comunista” no ambiente acadêmico.

Como já expressei, o EPL configura-se como uma versão brasileira do *Students for Liberty*. Trata-se de uma organização de atuação internacional fundada em 2008, fundamental na articulação e ativismo político dentre os *think tanks* conservadores dos EUA – especialmente no conjunto dos aparelhos qualificados como libertários – e a ju-

ventude “antipopulista” da América Latina. O empresário Alejandro A. Chafuen, presidente da Atlas Network, desde 1991, é o seu mentor. Sendo assim, o EPL é diretamente vinculado, financiado e instrumentalizado pelo *Students for Liberty* e a poderosa Atlas Network. A Atlas Network (nome fantasia da Atlas Economic Research Foundation desde 2013) é uma espécie de *metathink tank*, especializada em fomentar a criação de outras organizações libertaristas no mundo, com recursos obtidos com fundações parceiras nos Estados Unidos e/ou canalizados dos *think tanks* empresariais locais para a formação de jovens líderes, principalmente na América Latina e Europa oriental (CASIMIRO, 2018 e APUBLICA, 14 jun. 2016). Além de sua relação com o EPL, o Atlas também financia projetos do Instituto Liberal e participa ativamente de diversas edições do Fórum da Liberdade.

Os fundadores do EPL, Fábio Ostermann, Anthony Ling e Juliano Torres compõem os grupos dirigentes ou participam como articulistas de vários outros aparelhos de ação política e ideológica, tais como: o Instituto Liberal, o Instituto Liberdade, o Instituto Mises Brasil, o Instituto de Estudos Empresariais, o Instituto Millenium o Instituto Ordem Livre, o Instituto Rothbard Brasil, a Rede Liberdade, entre outros organismos de ativismo político, principalmente de cepa lib-



ertária, como blogs e páginas de redes sociais. Ostermann também se tornou uma das principais lideranças do LIVRES, movimento libertário que se configura como uma corrente interna do PSL, Partido Social Liberal, ao qual Jair Bolsonaro e seus filhos saíram como candidatos, em 2018.

Além dessa atuação doutrinária, o Estudantes Pela Liberdade organiza, financia e estabelece diretrizes de ação, principalmente a partir de seu braço de ativismo político, o chamado Movimento Brasil Livre (MBL), uma organização virtual que se configura como um dos principais grupos convocadores dos protestos de rua da direita, a partir de 2014. Nesse sentido, o MBL passa a se configurar como uma espécie de plataforma de projeção política de seus membros, para além das legendas de partidos formais. Um dos principais representantes do MBL é o ativista Kim Kataguirí, que foi eleito deputado federal no estado de São Paulo pelo partido Democratas (DEM). Outros membros do movimento ativista libertário, eleitos em 2018 como deputados federais foram Paulo Eduardo Martins, pelo Partido Social Cristão (PSC), no estado do Paraná, e Jerônimo Georgen do Partido Progressista (PP), no estado do Rio Grande do Sul. Pelo menos outros dois membros de destaque midiático do MBL foram eleitos para cargos parlamentares: Arthur Moledo do Val (conhecido por seu

pseudônimo “Mamãe Falei”), foi eleito deputado estadual por São Paulo pelo DEM; e o polêmico ativista Fernando Holiday, eleito vereador da cidade de São Paulo também pelo DEM, nas eleições municipais de 2016.

O último dos aparelhos de ação doutrinária necessário para a compreensão das novas estratégias de difusão ideológica da extrema direita brasileira na atualidade é o canal Brasil Paralelo. A organização de doutrinação ideológica nesse chamado campo de guerra contra o “marxismo cultural” foi criada em 2016, em meio ao processo de golpe que retirou a presidente Dilma Rousseff (PT) do poder. A plataforma foi lançada no Fórum da Liberdade do ano seguinte, em 2017, cujo tema foi *O futuro da democracia*. A plataforma Brasil Paralelo tem como principal escopo de atuação a ressignificação de processos históricos brasileiros como forma de legitimação de um projeto de hegemonia da extrema direita, no presente.

Essa iniciativa tem como figura central nessa perspectiva manipulatória sobre o passado o escritor reacionário Olavo de Carvalho, guru intelectual do próprio presidente Jair Bolsonaro e de seus filhos, além de outras figuras representantes das direitas. Como afirma a pesquisadora Mayara Balastro dos Santos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), o Brasil Para-

lelo articula-se a um conjunto de sujeitos e entidades representativas desta nova direita no interior de relações ampliadas do Estado, como o IMIL, o IL, o IMB, o IEE e o próprio Fórum da Liberdade. Atualmente [2019] a plataforma conta com mais de um milhão de inscritos e 418 vídeos produzidos disponíveis no canal do *YouTube* (SANTOS, 2019).

Por sua vez, o Brasil Paralelo trata-se de um canal de difusão de conteúdos cujo objetivo fundamental é fazer um grande revisionismo histórico do Brasil. A direita brasileira passa a disputar no campo da narrativa histórica, como forma de justificação de suas pautas reacionárias, antiprogressistas e autoritárias do presente. O tema de maior repercussão, como não poderia ser diferente, em se tratando dos interesses dessa direita reacionária, é o revisionismo em torno da ditadura civil-militar instaurada com o golpe de 1964, na série “1964: O Brasil entre armas e livros”. O canal segue a linha discursiva de Olavo de Carvalho, onde o verdadeiro problema do regime militar teria sido não ter travado devidamente a “luta cultural”, o que teria permitido a reorganização dos segmentos da esquerda com o processo de redemocratização. O movimento, nesse sentido, busca revisar o passado ditatorial brasileiro, normalizando-o como forma de legitimação, inclusive dessa ideologia bolsonarista que busca, nos porões da ditadura, os seus heróis

– como é o caso do mais conhecido condenado torturador do DOI-Codi, o coronel Alberto Brilhante Ustra – ou, mais recentemente, quando Eduardo, filho de Jair Bolsonaro, tenta intimidar publicamente a população com a ameaça de um possível “novo AI-5”.

Apesar de se autoafirmar como um espaço para a pluralidade de ideias, o Fórum da Liberdade pode ser compreendido como um evento catalisador da ideologia neoliberal, libertária e liberal-conservadora. Assim, apresenta propostas de políticas públicas, cobra e exerce pressão sobre a sociedade política pela aprovação de projetos e reformas, articula distintas frações da burguesia brasileira, agrega e condiciona novos quadros de intelectuais orgânicos. O fórum, portanto, enquanto principal evento da agenda liberal no Brasil, desenvolve um papel de palco emblemático para a produção de consenso e articulação no quadro de reformulação das direitas brasileiras. O quadro a seguir apresenta um resumo de todas as edições do Fórum da Liberdade, desde sua fundação em 1988 até o último evento realizado em 2019.

A análise do quadro de edições do Fórum da Liberdade demonstra alguns elementos importantes para a compreensão do processo de produção de consenso e ascensão da direita mais conservadora e reacionária na atualidade. A extensa lista de intelectuais

## Fórum da Liberdade (1988-2019)

ANO	TEMA	DESTAQUE
1988	Questões políticas, econômicas e sociais do Brasil	O economista Roberto Campos. Apresentação do pré-candidato às eleições presidenciais de 1989, Fernando Collor de Melo.
1989	As propostas dos candidatos à sucessão presidencial no Brasil	No segundo ano do evento foram convidados os candidatos à presidência da República, incluindo os candidatos da esquerda como Leonel Brizola e Lula da Silva.
1990	A busca da modernidade. o desafio latino-americano.	Discussões sobre o liberalismo na América Latina. Com apresentação de políticos como Alvaro Alsogaray, ministro no governo de Carlos Menem, e Hernan Büchi, ex-ministro da Economia no Chile.
1991	Os caminhos para a próxima década. as soluções liberais e sociais- democrata	Expectativas e prognósticos para os anos 90. Destaca-se a participação dos filósofos Armando de La Torre (Guatemala), Emílio Pacheco (EUA) e Roberto Salinas (México).
1992	Estado ou mercado: quem melhor defende a ecologia?	Mercantilização dos recursos naturais, além dos PhDs em economia pela Universidade de Washington, e Omar Carneiro da Cunha, presidente da Shell no Brasil, destacamos a participação do ultraliberal conservador da tradição austríaca Walter Block.
1993	O desafio da reforma constitucional	“Necessidade” de reformas constitucionais para o mercado. Roberto Campos, Nelson Jobim, Aloísio Mercadante (PT) e James Buchanan (George Mason University; Prêmio Nobel de Economia de 1986).
1994	A educação em crise	Educação na concepção de mercado e privatização. Presença de Gary Becker (Escola de Chicago; Prêmio de Economia 1992).
1995	Globalização e livre comércio internacional	Reformulação do papel do Estado e abertura econômica: Israel Kirzner (Escola Austríaca de Econômica) e Paulo Francis (Jornalista).
1996	Desafio brasileiro: Custo Brasil	Presença de José Alexandre Scheinkman (Chefe do Dep. de Economia da Universidade de Chicago) e Lawrence W. Reed (Presidente da “The Mackinac Center For Public Policy”).
1997	O desafio de um mundo sem empregos	Reformas na legislação do trabalho (flexibilização). Presença de Ruth Richardson (ex-ministra da Economia da Nova Zelândia), James Heckman (especialista em Economia do Trabalho, Universidade de Chicago) e Deepak Kumar Lal (consultor do Banco Mundial).
1998	Os limites do poder, poder e sociedades	Papel do Estado. Participação de Walter Williams (Universidade George Mason) e Jiri Kinkor (Economista da República Checa).
1999	E agora, Brasil? Caminhos para o desenvolvimento	Com mediação da jornalista e comentarista de economia Miriam Leitão, teve a participação de Paulo Renato (ministro da Educação no governo FHC) e Emílio Pacheco Rodriguez (Liberty Fund).
2000	1000 anos: o Brasil em perspectiva. Onde é que esta história vai parar?	Destaque para a presença dos políticos Ciro Gomes, José Genoíno e figuras como José Osvaldo de Meira Penna (Instituto Liberal e membro da Mont Pélerin Society) e do escritor reacionário, <b>Olavo de Carvalho</b> .
2001	A crise social brasileira: causas, desafios e soluções	Henrique Meirelles, o pensador liberal Guy Sorman (Universidade de Paris) e <b>Olavo de Carvalho</b> .
2002	Os desafios da democracia no século XXI	Participação de José Serra (senador da República e candidato à presidência da República pelo PSDB), Emílio Pacheco (Liberty Fund), Richard Pipes (historiador de Harvard) e <b>Olavo de Carvalho</b> .
2003	Civilização ou barbárie: em que mundo vamos viver	Participações de Geraldo Brenner (estudioso das relações entre a economia e o crime), Raymond Frey (doutor em filosofia, ensaísta sobre violência, terrorismo e justiça), o médico Dráuzio Varella e Hector Babenco (cineasta, diretor do filme Carandiru).
2004	Desenvolvimento e liberdade	Jacob Hornberger (escritor e fundador do The Future of Freedom), o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o jornalista e escritor Eduardo Bueno e <b>Olavo de Carvalho</b> .
2005	A cultura do trabalho	O ultraliberal e conservador cultural <b>Walter Block</b> (Escola Austríaca) e <b>Olavo de Carvalho</b> .

ANO	TEMA	DESTAQUE
2006	O poder no Brasil: quais os direitos e deveres dos governos	O evento ficou marcado pelo lançamento oficial do <b>Instituto Millenium (IMIL)</b> . <b>Paulo Guedes</b> , Gustavo Franco, Jorge Gerdau Johannpeter.
2007	Propriedade e desenvolvimento	Presença de Becky Norton Dunlop (presidente da Heritage Foundation), José Júnior (coordenador do Afro Reggae), Frei Betto (escritor e religioso dominicano-brasileiro) e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.
2008	Agora, o mercado é o mundo	Participação de <b>Paulo Guedes</b> , Henrique Meirelles e Rodrigo Constantino (colunista da Veja, O Globo e Valor Econômico).
2009	Cultura da liberdade	Participação de Ruth Richardson (ministra das Finanças da Nova Zelândia entre 1990 e 1993) e Demétrio Magnoli (sociólogo e geógrafo).
2010	Seis temas para entender o mundo	O evento marcado pelo lançamento do Instituto <b>Von Mises Brasil (IMB)</b> . Com Rodrigo Constantino e Tom Woods (membro sênior do Ludwig Von Mises Institute) e David Friedman (economista e escritor).
2011	Liberdade na Era Digital	Presença do cantor Lobão, do humorista e membro do Instituto Millenium, Marcelo Madureira e Rodrigo Constantino.
2012	2037: que Brasil será o seu?	Lançamento do <b>Estudantes Pela Liberdade (EPL)</b> . Com participação de Hélio Beltrão (Instituto Von Mises Brasil) e Rodrigo Constantino (Millenium e Instituto Liberal).
2013	O que se vê e o que não se vê	Luciano Huck como apresentador, Jorge Gerdau Johannpeter, Hélio Beltrão (presidente do IMB) e o pré-candidato à presidência, Eduardo Campos.
2014	Construindo soluções	Aécio Neves (presidente nacional do PSDB, senador e candidato à presidência da República), Luiz Felipe Pondé (colunista do jornal <i>Folha de São Paulo</i> e comentarista do <i>Jornal da Cultura</i> ) e Rodrigo Constantino, <b>Leandro Narloch autor dos Guias politicamente incorretos da História do Brasil</b> .
2015	Caminhos para a liberdade	<b>Glória Alvarez</b> (ativista libertária do Movimento Cívico Nacional da Guatemala); Kim Kataguirí, presidente do MBL; Rodrigo Galindo (Kroton Educacional). Premiação a William Waack, Jornalista por liberdade de imprensa.
2016	Quem move o mundo?	<b>Leandro Narloch</b> ( <i>Guia politicamente incorreto</i> ), jornalista e escritor; Salim Mattar (Grupo Localiza), Gui Telles (Uber Brasil), Arnaldo Jabor (cineasta, roteirista, diretor de cinema e TV).
2017	O futuro da democracia	Lançamento do <b>Brasil Paralelo</b> . Fernando Holiday (vereador de São Paulo e membro do MBL), Fabio Ostemann, membro do IMB, EPL e Presidente Estadual do PSL/RS. Tom Palmer, vice-presidente de Programas Internacionais da <b>Atlas Network</b> .
2018	A voz da mudança	Presença dos presidenciáveis: Marina Silva (Rede), Ciro Gomes (PDT), João Amoêdo (Novo), Flávio Rocha (Grupo Riachuelo), Geraldo Alckmin (PSDB), Henrique Meirelles (PMDB). Mesa só para discussão do “Politicamente Incorreto”, com <b>Leandro Narloch</b> , ( <i>Guia politicamente incorreto</i> ). Além da presença do então juiz federal Sérgio Moro.
2019	Brasil, aberto para reformas?	Equipe de Bolsonaro com Onix Lorenzoni (Casa Civil), Roberto Campos Neto (presidente do Banco Central), Paulo Uebel (dirigente do LIDE, do IMIL, do IEE e secret. do Minist. da Economia), Salim Mattar (dirigente do IMIL e Secretário de Desestatização), Hélio Beltrão (dirigente do IMB e secret. da pasta de desburocratização do Minist. da Economia) e o guru de Bolsonaro contra o chamado “marxismo cultural”, <b>Olavo de Carvalho</b> . Outros destaques são a ativista do libertarianismo Glória Alvarez e Wolf Von Laer, cofundador do Students for Liberty.

Elaboração própria (CASIMIRO, 2018). Atualizado: fonte: <https://www.fl2019.com/> (acesso em: 4 nov. 2019).

internacionais de diferentes cepas liberais que participam do Fórum dá mostras da multiplicidade de temas e debates envolvidos no evento, além da variedade de posições ideológicas, sem perder o horizonte pautado nas matrizes ultraliberais e no conservadorismo. Além disso, apresenta a aproximação do IEE e do Instituto Liberal com diversas e importantes organizações liberais nacionais e internacionais.

Através do Fórum, o IEE tem levado a Porto Alegre representantes de importantes organizações liberais e libertárias europeias, dos EUA e da América Latina. Entre elas, merecem destaque, pela importância na rede neoliberal, a Mont Pelerin Society (Suíça), o Atlas Network (EUA) e instituições latino-americanas que têm participado constantemente do evento como a Fundacion Internacional para la Libertad, além de fundações e institutos liberais da Argentina, do Peru, da Guatemala, do Chile e do México. Como afirma a pesquisadora Denise Gros:

Além dos representantes da América Latina, deve-se destacar a constante presença, nos Fóruns da Liberdade, de palestrantes vindos da Sociedade Mont Pelerin e de importantes think tanks liberais norte-americanos, como os já citados Atlas Economic Research Foundation e Liberty Fund, além da Foundation for Economic Education do Institute for Humane Studies, do Cato Institute, do Independent Institute,

da Hoover Institution e da Heritage Foundation (GROS, 2010, p. 193).

Se em alguns momentos é possível constatar no evento a presença de intelectuais e políticos que não se enquadram especificamente nos pressupostos centrais defendidos pela direita brasileira, por outro lado, podemos observar a participação frequente de personalidades representantes do pensamento doutrinário, ultraliberal e mais reacionário. Um desses nomes é o anarcocapitalista Walter Block, autor norte-americano de tradição da Escola Austríaca, autor de publicações que inclusive são difundidas pelo IMB, tais como *Por que discriminar é correto e natural* – onde busca justificar e naturalizar formas de preconceito e discriminação – e *Em defesa de um livre mercado para órgãos do corpo*, entre muitas outras atrocidades.

Além do ícone austríaco do anarcocapitalismo e do próprio Olavo de Carvalho, já apresentado como figura frequente nos fóruns, outra presença de impacto, entre o público jovem e acadêmico, em, pelo menos, duas edições do evento (2015 e 2019), foi a ativista libertária e show-woman Glória Álvarez, da Guatemala. Nas palavras da ativista no Fórum da Liberdade de 2015, “um direitista do século 21, que já se modernizou, tem de reconhecer que a sexualidade, a moral, as drogas são um problema de cada um;



ele não é a autoridade moral do universo”, apresentando um discurso liberal também nos costumes, mas conclui “não há minorias, a menor minoria é o indivíduo, e a ele o que melhor serve é a meritocracia” (APUBLICA, 20 mai. 2019), deixando bem claro o individualismo característico que os caracteriza e os une.

O elemento mais significativo para a discussão aqui proposta é o alinhamento ideológico apresentado no Fórum da Liberdade e os segmentos da direita mais reacionária que passaram a dar substância a essa ascensão do projeto da extrema direita, em torno do nome de Jair Bolsonaro. A edição do Fórum de 2019 demonstra forte alinhamento com o governo Bolsonaro, já que entre as atrações do evento estavam vários dos representantes do seu alto escalão, como o ministro da Economia, Paulo Guedes (que aparece como convidado), o ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, o secretário do Ministério da Economia, Paulo Uebel, o presidente do Banco Central do Brasil, Roberto Campos Neto e, por fim, mas não menos importante, o “guru” intelectual do presidente da República, Olavo de Carvalho, que participou por meio de videoconferência (FÓRUM DA LIBERDADE, 20 mai. 2019). O evento foi patrocinado pelos grupos econômicos CMPC, Gerdau, RBS e Ipiranga.

Esse alinhamento com o governo Bolsonaro não é, obviamente, casual. Existem conexões importantes entre o Fórum da Liberdade e a concepção ideológica empenhada pelo atual governo. Primeiramente, o ministro Paulo Guedes, desconhecido por muitos ou tratado como uma novidade nos círculos dos economistas liberais brasileiros, tem sua formação atrelada à Escola Econômica de Chicago, uma das principais referências teóricas neoliberais do Fórum. Além disso, Guedes já era figura de destaque em diferentes edições do evento, como no 19º Fórum da Liberdade, em 2006, anunciado no ato de sua conferência como sendo o “último economista liberal do Brasil”, e no fórum de 2008. O nome do ministro também consta entre os membros curadores do Instituto Millenium que, como já dito, foi lançado publicamente pelo Fórum, também em 2006. A presença de diversos personagens pertencentes aos núcleos dirigentes dos aparelhos apontados neste estudo, que participam diretamente ou orbitam em torno da institucionalidade do governo Bolsonaro, caracteriza a influência desse movimento de certos segmentos das direitas na construção dessa alternativa.

Assim como no caso de Guedes, a já citada participação virtual do escritor Olavo de Carvalho na edição de 2019 é digna de maiores avaliações. Nesse caso, é importante destacar que, para muitos analistas e comen-



tadores da atual conjuntura, o nome de Olavo de Carvalho – como sendo uma grande influência intelectual para uma certa fração da direita brasileira, que no caso, inclui importantes quadros do governo e o próprio presidente da República com seus filhos – representa algo que surgiu do nada, inesperado e desconectado do pensamento e ação da maior parte da direita brasileira. É como se a figura do escritor tivesse sido construída recentemente, principalmente pela influência que exerce sobre a família Bolsonaro. Entretanto, é importante esclarecer que o nome de Olavo de Carvalho já aparecia como uma das atrações de destaque nas edições de 2000, 2001, 2002, 2004 e 2005 do Fórum da Liberdade, ou seja, antes mesmo do credenciamento de Bolsonaro à possível liderança ou “mito” da direita reacionária.

Por conseguinte, a presença frequente de Olavo nos eventos desde o ano de 2000 demonstra que o autor reacionário já representava uma significativa referência intelectual para frações consideráveis da direita brasileira. No mesmo sentido, passou a ampliar seus seguidores, principalmente a partir de 2016, com a repercussão do canal Brasil Paralelo, que ajudou a divulgar sua concepção, e que não foi a única iniciativa de revisionismo histórico destacada no Fórum, o que demonstra essa preocupação estratégica de reescrever a história Brasil. O escritor

Leandro Narlock, principal autor dos *Guias politicamente incorretos da História do Brasil e da América Latina*, obras exemplares de revisionismo e desonestidade intelectual, foi figura de destaque em 2014, 2016 e 2018 do Fórum. Por sua vez, esses seguidores do guru de Bolsonaro, os chamados “olavetes”, passam a compor fundamentalmente e engrossar o conjunto dos entusiastas bolsonaristas. Sendo assim, a imagem de Olavo de Carvalho não foi construída por Bolsonaro e suas crias, como muitos críticos do autor assim querem afirmar, mas, ao que tudo indica, foi sua influência e conexão com esse movimento crescente do pensamento reacionário que ajudaram a construir o fenômeno do bolsonarismo.

### **Considerações finais**

A partir da análise do Fórum da Liberdade, e suas conexões com diversos aparelhos de atuação política e ideológica, que replicam, capilarizam e amplificam a repercussão dos seus discursos, é possível perceber uma parte representativa das iniciativas fundamentais para a produção do consenso e construção da hegemonia desse segmento de extrema direita entre as frações conservadoras da burguesia brasileira. O movimento no interior das frações burguesas define as diretrizes da dominação de classe e, por sua vez, o projeto político no qual outras frações

acabam se arranjando para a garantia da manutenção dos seus interesses.

A aposta no discurso ultraliberal na economia e conservador nos costumes parece ter sido a junção conjuntural que melhor se apropriou e explorou as nuances do crescente sentimento de antipetismo na sociedade brasileira e do discurso “anticorrupção”. Esse sentimento foi fortemente funcionalizado, por um lado, diante da conjuntura de crise econômica e seus efeitos sociais. Por outro lado, o fortalecimento desse discurso fundado no sentimento de aversão à política – como reduto da corrupção e do atraso – e do antipetismo – como se o PT representasse uma espécie de signo único de todos os problemas políticos, econômicos, sociais e morais do país – foi funcionalizado pela própria atuação de segmentos conservadores, a partir de iniciativas como as citadas ao longo deste estudo. Mas não só os setores liberal-conservadores da nova direita lançaram mão desses discursos. A própria direita tradicional e setores de centro-direita, inclusive considerados progressistas – como setores midiáticos, a exemplo da própria rede Globo –, contribuíram substancialmente para o fortalecimento dessas concepções. O problema parece ter sido que essa estratégia de ataque e desqualificação da política e das esquerdas de modo geral, acionada pela direita tradicional, acabou por respingar em seu próprio

território, como uma espécie de “fogo amigo”, abrindo o campo para a extrema direita autoritária e truculenta avançar.

Por fim, não podemos analisar esses aparelhos e seus intelectuais como se representassem um bloco homogêneo, todavia contemplam diferenças importantes e, mesmo, conflitos interburgueses. Por outro lado, é possível perceber muitas dessas diferenças de ordem teórico-políticas, principalmente no campo dos valores e da cultura, serem suprimidas ou subjugadas pela ascensão do reacionarismo que aparece como alternativa pragmática para viabilizar as mudanças de ordem econômico/corporativas. O fato é que essa constituição de uma rede direta e indireta de aparatos de doutrinação e difusão de uma cultura voltada às determinações do capital e ao pensamento conservador/reacionário, além de sua própria atuação e capilaridade, funcionalizam e instrumentalizam outras práticas e espaços de produção de consenso, fundamentais no processo de construção de hegemonia. Essa estratégia, todavia, deve ser compreendida como uma parte do movimento maior de estruturação e articulação das classes dominantes no Brasil contemporâneo.

## Referências bibliográficas

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. A Nova Direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GROS, Denise Barbosa. Novas formas de ação política do empresariado gaúcho nas últimas décadas. Revista A Evolução Social – Três décadas de economia gaúcha, v. 3, 2010.

SANTOS, Mayara Aparecida Balestro dos. “Brasil Paralelo”: um (perverso) canal de poder e hegemonia da “nova direita” no Brasil contemporâneo. Anais IX Congresso Internacional de História. Universidade Estadual de Maringá (UEM), outubro de 2019.

## Fontes

APUBLICA. Disponível em: <http://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acesso em: 14 jun. 2016.

APUBLICA. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acesso em: 20 mai. 2019.

FÓRUM DA LIBERDADE. Disponível em: <https://www.fl2019.com/programacao>. Acesso em: 20 mai. 2019.

GAZETA DO POVO. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/estado-e-inutil-e-imposto-e-roubo-saiba-o-que-pensam-anarcocapitalistas/>. Acesso em: 27 ago. 2019.

THE INTERCEPT BRASIL. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/05/anarcocapitalismo-bolsonaro-folha-ancaps/>. Acesso em: 27 ago. 2019.

